



SOBRE O ESPAÇO DA BRINQUEDOTECA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS ENTRE CRIANÇAS: QUEM QUER BRINCAR?

Luciane Pandini Simiano – UFRGS
Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente texto tem por foco evidenciar os modos como as crianças ocupam, se relacionam e produzem sentidos no espaço da brinquedoteca. Como recurso argumentativo, apresentar-se-ão elementos de uma pesquisa de orientação etnográfica, realizada em uma brinquedoteca no sul do estado de Santa Catarina. Foram sujeitos da investigação, um grupo de 11 crianças com idade entre quatro e cinco anos e dois adultos, uma brinquedista e uma auxiliar. Defende-se que sendo a brinquedoteca um espaço estruturado para o brincar, sua materialidade educa, expressa ideias, comunica mensagens. Porém, essas não são imutáveis. Crianças demonstram que o espaço não é algo pronto, acabado. A partir da ocupação e das interações que estabelecem entre outras crianças e adultos, produzem sentidos e atribuem outras significações simbólicas ao espaço. Os resultados, desvelam indicadores que pretendem contribuir para(re)pensar os espaços coletivos da infância, evidenciando a participação das crianças como sujeitos desejantes, atuantes, capazes de falar de si e dos outros por meio do brincar.

Palavras-chave: criança, produção de sentido, espaço, brinquedoteca

1- Introdução

Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Por que se a gente fala a partir da experiência de criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas.

Manoel de Barros, Memórias inventadas

Cavalinhos de pau saltam, correm pela imaginação. Princesas e super-heróis surgem em aventuras sem iguais, especiais. Cozinhadinhos de folhas despertam o apetite pelo experimentar. Brincar. Fazer de conta. Um mundo que desconhece limites e se reinventa a cada instante...

O brincar constitui-se como a principal forma da criança ser e estar no mundo. Por meio do brincar, as crianças se relacionam com o outro e atribuem sentido aos espaços em que vivem. Nas últimas décadas, devido às intensas transformações da vida urbana, limitou-se o convívio informal das crianças nas ruas, praças e parques. A grande circulação de automóveis e a falta de segurança nesses locais interferiram significativamente nas brincadeiras das

crianças e nos espaços do brincar. Esse aspecto revela-nos a importância de pensar os contextos do brincar na infância contemporânea, exigindo-nos reflexões e questionamentos: Quem são as crianças? Do que brincam? Como e com quem brincam? Qual o significado do brincar em sua constituição subjetiva? Quais os são os espaços de brincadeira para a criança viver sua infância na contemporaneidade?

No Brasil, recentemente, observam-se alguns estudos referentes à espaços especificamente organizados para o brincar infantil. Pesquisas como Porto (2005), Peters (2009), Kishimoto (1997) apontam a brinquedoteca, como uma alternativa de espaços para o brincar e a ampliação do convívio social da criança. Roucoux (1997), atentando para a crescente expansão desses espaços, destaca eixos que caracterizam uma brinquedoteca: espaço físico estruturado para o brincar; acesso à variedade de brinquedos e materiais lúdicos; liberdade de escolha de seus usuários quanto ao tempo e ao local que deseja brincar; espaço de encontro para o estabelecimento de relações sociais entre diferentes gerações e culturas. (ROUCOUS Apud PETERS, 2009.)

Embora seja possível observar uma expansão de brinquedotecas em centros urbanos, elas ainda permanecem, invisíveis, despercebidos... Nesse sentido, segundo Kishimoto (2001), é fundamental criar visibilidades para o brincar da criança na infância contemporânea. Olhares atentos para o espaço, o tempo o encontro, as relações, as significações constituídas e constituintes das crianças...

O presente texto aborda tais temáticas ao focar os modos como as crianças ocupam, se relacionam e produzem sentidos ao brincar no espaço da brinquedoteca. A partir do diálogo entre diferentes autores e perspectivas como Benjamin (2005), Pinto e Sarmiento (1997), Santos (2002), Lima (1981), defende-se, sendo a brinquedoteca um espaço estruturado para o brincar, sua materialidade educa, expressa ideias, comunica mensagens. Porém, essas não são imutáveis. A partir da ocupação e das interações que as crianças estabelecem entre si e com adultos, novos sentidos são produzidos e outras significações simbólicas são atribuídas ao espaço.

Evidenciar os percursos que conduzem à produção de sentidos no espaço da brinquedoteca por adultos e crianças, implica compreender as relações entre a *configuração do espaço-físico*, planejado, seus signos, códigos e conteúdos implícitos; e a *representação simbólica* dos sujeitos que o habitam- espaço tomado, vivido, ocupado. Trata-se portanto, de perceber os sentidos que crianças e adultos atribuem ao espaço quando estão ocupando, se relacionando e brincando na brinquedoteca.

Nesse sentido, ao entender as crianças como sujeitos ativos, interativos, competentes, produtores de saberes e não como acessório ou apêndice na sociedade dos adultos, busco reconhecer “a capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a construção de suas representação e crenças em sistemas organizados, isto é em culturas. (PINTO, SARMENTO, 1997, p.20).

Valorizar a capacidade de produção simbólica das crianças requer evidenciar a sua competência para construir sentidos no/sobre o mundo. Não a reconhecendo mais como um “vir a ser”, mas como sujeito, alguém que tem desejos, expectativas,alguém que precisa ser valorado. É precisoreconhecer suas formas específicas de ocupar e se apropriardos espaços,“entendendo a brincadeira como fundamental, tanto para a criança conhecer o mundo quanto reconhecer-se no mundo.”(BARBOSA, 2004). Nessa perspectiva, é necessário desenvolver olhares atentos e uma escuta sensível e refinada para as brincadeiras, as relações entre crianças e adultos, as diferentes formas de ocupação e os sentidos estabelecidos...

“Então eu trago das minhas raízes cianceiras a visão comungante e obriga das coisas..” Retomo a metáfora de Manoel de Barros na epígrafe deste texto. As raízes cianceiras do poeta parecem traduzir a busca de “dar a palavra à infância’ ou “vozes às crianças”. Deixar as certezas, verdades absolutas de lado e construir estudosque falem das crianças, com crianças e não somente sobre elas. Para mim, esta memória nos faz o convite de entrar na brincadeira, retomar nossas próprias raízes cianceiras e buscar conhecer um pouco mais a respeito das crianças e dos seus espaços de viver a infância.

2- Elementos do percurso investigativo

Como ponto de partida desta investigação, tem-se as seguintes questões: Quais as configurações físicas do espaço da brinquedoteca? De que forma as crianças e adultos ocupam e se relacionam nesses espaços? Como as crianças, por meio dessas ocupações e relações, atribuem outras significações simbólicas ao espaço da brinquedoteca?

Para auxiliar no estudo de tais questões, apresentar-se-ão elementos de uma pesquisa, realizada em 2009, que contemplou uma brinquedoteca, situada na região sul do estado de Santa Catarina. O enfoque privilegiado é um grupode 11 crianças com idade entre quatroe cinco anos e doisadultos, uma brinquedista¹e uma auxiliar.

A investigação caracterizou-se por uma pesquisa de orientação etnográfica (ANDRE, 2000). Os instrumentos foram a observação participante e o diário de campo, enriquecido pela filmagem. As observações

¹Denomina-se brinquedista o adulto responsável pela organização de contextos que possibilitem o brincar na brinquedoteca. A brinquedista presente pesquisa é pedagoga.

focaram, inicialmente, na configuração do espaço físico da brinquedoteca, tais como: mobiliário, suportes materiais e brinquedos, bem como os aspectos estéticos e funcionais que os envolviam. Posteriormente, as formas de ocupação e relações entre crianças e com adultos no espaço. As observações deram-se no período de quatro meses, com periodicidade semanal, tendo em média uma hora de duração por encontro, totalizando 16 encontros.

A análise implicou diferentes exercícios de seleção e categorização das anotações e cenas. Os critérios elencados consideraram: a configuração espacial organizada pelo adulto-brinquedista; a ocupação e os usos que as crianças fazem nas diferentes áreas do espaço da brinquedoteca, em especial ao brincarem; tipos relações estabelecidas entre crianças e adultos e a ressignificação individual e coletiva dos múltiplos sentidos que o espaço abriga.

3- Um olhar para o espaço da brinquedoteca

O espaço da brinquedoteca, neste trabalho, é entendido como o físico, material, que pode ser pensado, planejado e projetado para certo fim (TUAN, 1983). O espaço é construído na relação com o homem, por isso, não pode ser naturalizado. A infraestrutura não é cindida do tempo e das pessoas, aspecto fundamental a ser investigado, analisado, refletido...

Ao chegarmos à sala da brinquedoteca, deparamo-nos com uma configuração física constituída por chão com piso claro, paredes e tetos brancos. As paredes são de cimento e em uma delas há quatro grandes janelas.

A sala é ampla e colorida. O teto repleto de móveis que se movimentam ao vento e causam uma boa sensação quando por lá estamos. Tentativas de deixar o espaço mais acolhedor, tornando-o mais convidativo.

Nas paredes é possível observar um painel com o nome da brinquedoteca, acompanhado de seus colaboradores e a indicação da data de nascimento de cada um deles. Além desse painel, observa-se, na extensão de todas as paredes, fotografias, diversos desenhos e pinturas feitos pelas várias crianças que frequentam o espaço. Em conversa com a brinquedista, ela evidencia tais produções e fala a respeito delas: “ *Olha que só que coisa mais linda os desenhos deles! Um é diferente do outro....As crianças ficam felizes quando eu os coloco na parede.*” (*Diário de Campo*) Pode-se notar uma valorização das produções das crianças. É oportunizado às crianças se manifestar e imprimir marcas no espaço. Assim como Agostinho (2003, p.53) acredito que “as paredes falam, pulsam, revelam o que está sendo vivido nos espaços”. As fotografias e desenhos das crianças são marcas que configuram, registram e documentam imprimindo experiências das crianças no espaço.

A organização dos tempos, espaços e objetos são previamente planejados pelo

adulto-brinquedista. Essa organização buscar sustentar contextos materiais, temporais e relacionais que potencializem encontros e possibilitem escolhas individuais e grupais não dependendo constantemente da intervenção direta dos adultos. A organização espacial define oito grandes áreas, delimitadas por cantos temáticos: 1) biblioteca; 2) consultório médico; 3) jogos; 4) casa; 5) supermercado; 6) fantasias; 7) plástica, subdividida em desenho, pintura, modelagens; 8) tocas e cabanas. A identidade de cada uma destas áreas decorre de marcadores físicos repletos de significações implícitas que fornecem, silenciosamente, dados e conteúdos (FERREIRA, 2004), explicitando claramente o que lá se pode ou deverá fazer. Os cantos temáticos expressam “uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores que cobrem diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.” (VIÑAO FRAGO E ESCOLANO 1998, p. 26).

Os elementos que compõe cada uma das oito áreas temáticas são diversos. Os objetos, brinquedos e mobiliário apresentam uma composição física variada, tais como tecidos, plásticos, madeira, papelão, folhas, sementes que ampliam o contato das crianças com diferentes materialidades.

Carvalho e Rubiano (1994) destacam que o arranjo espacial, no que diz respeito à composição de sua materialidade e à maneira como móveis e equipamentos estão dispostos no espaço, podem influenciar na forma de as crianças se relacionarem entre si. No arranjo material de cada um dos cantos temáticos da brinquedoteca, existe uma espécie de corredores, que ora limitam, pois circunscrevem e criam espaços relativamente separados entre si, ora potencializam os encontros porque a forma dos seus limites não são fisicamente intransponíveis, permitindo assim, uma transição rápida e circulação livre entre os espaços por crianças e adultos. Mesmo na casa, a área mais claramente fechada com “paredes”, é possível verificar potencialidades comunicativas entre os sujeitos, já que a pouca altura das aberturas e dos móveis facilita a visão e a escuta entre as crianças que estão no interior e para quem está no lado de fora.

A ampla comunicação e mobilidade de circulação pelos cantos temáticos possibilitam às crianças escolhas que favorecem sua autonomia. A materialidade dos objetos que compõe cada uma das oito áreas, não são neutras, facilitam a leitura imediata das atividades ali possíveis, podendo condicionar, determinadas dinâmicas de brincadeiras. Por exemplo, a casa composta por fogão, pia, geladeira, louças, avental, sugerem na sua materialidade, brincadeiras de cozinhar, dar de comer, etc. Porém, o contexto relacional na brinquedoteca, possibilita às crianças o uso criativo e a auto-gestão dos objetos. Assim como também, os objetos concretos do consultório médico, do mercado, pelo seu poder expressivo, comunicam, expressam ideias, mas também potencializam múltiplas significações aos usos sociais que as crianças lhe conferem. Ou seja, o espaço da brinquedoteca, propõe e se compõe fisicamente de itinerários de brincadeiras que comunicam mensagens. As crianças, entretanto, ao se apropriarem desses espaços, criam diferentes enredos, produzem outros sentidos e evidenciam por meio de suas manifestações a sua capacidade de produção simbólica .

Entendendo o espaço como "um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, 2002), podemos dizer que são as crianças e adultos que lhe atribuem um conteúdo. O espaço não está pronto, acabado, mas algo que pode ser modificado ao longo da relação que os sujeitos estabelecem com ele.

À medida que as crianças e adultos ocupam o espaço da brinquedoteca, ele ganha novos sentidos e significados. A partir das relações que estabelecem, constrói-se uma configuração que ultrapassa o aspecto material, produzindo outras significações simbólicas ao espaço.

4- Quem quer brincar comigo coloca o dedo aqui... A produção de sentido entre crianças no espaço da brinquedoteca

Ao chegarmos ao espaço da brinquedoteca é possível observar nas crianças uma explosão de alegria e curiosidade. Impelidas pelo seu poder de imaginar, fantasiar criar, significar, (KRAMER, 2000), as crianças dirigem-se rapidamente, sozinhas ou acompanhadas de seus pares, para uma determinada área onde desejam desenvolver determinadas brincadeiras.

Ao brincar, a criança traz consigo possibilidades de mudança, de ressignificação, de criar um mundo próprio, de libertar-se, de colocar-se em outro lugar, de fazer sempre de novo, de virar ao contrário... Na ocupação, nas relações, nas brincadeiras que estabelecem com outras crianças e adultos no espaço da brinquedoteca, as crianças "influenciam as circunstâncias sociais de existência, são por elas influenciadas e criam ainda outras que alteram o próprio espaço social da infância." (FERREIRA, 2004 p.78)

4.1- (Des)Objetos do brincar... Seus usos e significados pelas crianças

A criança, por meio das relações que estabelece no espaço, é capaz de fazer saltar de "um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha, as mais diferentes figuras" (BENJAMIN, 1984 p. 42). No espaço da brinquedoteca pesquisada, observaram-se inúmeras relações entre as crianças com os objetos do brincar. Destaca-se a partir de suas falas e ações que as crianças atribuem outros sentidos aos objetos com seus pares.

Marco Antônio (5 anos e 3 meses) ao chegar à brinquedoteca corre para o espaço onde se localiza o "super mercado". Pega uma embalagem de margarina e a manipula por um tempo. Abre e fecha a tampa, olha para as letras e cores que a compõe, cheira... Após um tempo de manipulação retira uma tampa de refrigerante de outra embalagem e a coloca dentro da embalagem de margarina.

Balança de um lado para o outro, sacode, parece estar apreciando o som que tampa de refrigerante provoca ao balançar na embalagem de margarina. Pedro (4 anos e 9 meses) aproxima-se e pergunta: O que tem aí dentro, Marco? Isso é um bicho? Marco sorri, responde que sim, sacode a embalagem e sai correndo atrás de Pedro, que corre simulando estar com muito medo. Os dois correm, Pedro se esconde, Marco Antônio o encontra e a brincadeira segue com trocas olhares e sorrisos de contentamento entre eles. Após um tempo brincando, os dois meninos se sentam dizendo estarem cansados. Marco Antônio olha para a lata de margarina ainda em suas mãos, lança um olhar na direção de Pedro e fala: A brinquedoteca é legal, né? Agente tem um monte de brinquedos... Lá em casa, não tem brinquedo, só tem video-game... (Diário Campo)

A cena demonstra a capacidade de produção simbólica das crianças e os diferentes sentidos que atribuem ao mundo que as cerca. A brincadeira de “assustar” criada a partir de uma simples embalagem de margarina e uma tampa de refrigerante, evidencia que os objetos comunicam, expressam e veiculam conteúdos, porém a criança por meio de sua imaginação, cria, inventa, reinventa, transforma. No processo de ocupar e relacionar-se com e no espaço, a criança olha além da materialidade dos objetos, e atribui outras significações simbólicas.

Marco Antônio, ao explorar e brincar com as sucatas, encanta-se e explicita: *“lá em casa não tem brinquedo, só tem video-game”*. Embalagem de margarina, se tranforma em brinquedo precioso. Video-game, passa a ter um valor menor. O menino modifica a lógica, valora objetos que, aos olhos dos adultos, podem não tem valor algum. Olhar invertido, outros pesos e medidas... Tal como nos aponta a criança em Benjamin (1984):

“as crianças se sentem irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem das construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nestes restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nestes restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso, as crianças formam seu próprio mundo das coisas, mundo pequeno inserido em um maior” (BENJAMIN, 1984. P.77)

O autor, ao rememorar sua própria infância, aponta-nos a capacidade de encantamento das crianças. Diante de coisas, muitas vezes, miúdas elas estabelecem outras relações com a materialidade dos objetos e criam seu próprio mundo, quando os ressignificam. Segundo o mesmo autor, as crianças brincam nos canteiros de obra com os detritos da humanidade. Por enxergar grandeza nas coisas simples, a criança volta seus olhos para o chão, brinca com aquilo, que não é, em princípio, brinquedo. Aquilo que aos olhos dos adultos não tem valor, para elas pode ser a revelação de uma brincadeira.

O contexto material, temporal e relacional da brinquedoteca, permitia a criança observar, manipular, descobrir, encontrar e brincar junto de outras crianças. Embora o espaço da sala da brinquedoteca, conforme apresentou-se anteriormente, fosse composto por áreas

temáticas que configuravam e comunicavam possíveis itinerários de brincadeiras, as crianças vão além, transvêm, criam enredos únicos e inimagináveis de brincadeira.

Valorizar o que é desvalorizado. Embalagens abandonadas, aparentemente lixo, podem se tornar poesia... Ao brincar as crianças se comportam como poetas, que reajustam os elementos do mundo, atribuindo-lhes outros sentidos e significados.

4.2 O brincar da criança como um elemento que ressignifica e transforma a organização do espaço proposto pelo adulto

As crianças, a partir de suas formas específicas de conhecer e de se relacionar com o mundo e no mundo, são capazes de transformar espaços, objetos e brinquedos em novas elaborações. Não é o conteúdo imaginário do brinquedo que determina a brincadeira, mas é a criança que determina esse conteúdo Benjamim (2005). Por meio da ocupação e das relações que estabelecem entre si, elas compartilham saberes e sentidos. No espaço da brinquedoteca, observou-se o compartilhamento de sentidos entre crianças, que foram respeitados e acolhidos pelos adultos implicando assim em uma nova configuração do espaço. Tal como na cena abaixo:

Um novo brinquedo chega à brinquedoteca. Confeccionado pela brinquedista e pela auxiliar é denominado por elas como “Túnel do tempo”. Trata-se de uma caixa de fogueira grande, pintada por dentro e por fora com a cor preta. Na caixa há uma abertura para as crianças entrarem. No interior da caixa, há um monitor e um teclado de computador. O “Túnel do tempo” foi disposto no canto temático das tocas e cabanas. Como toda novidade, o brinquedo causou curiosidade entre as crianças. Carolina (4 anos), André (4 anos e 2 meses) e Lucas (4 anos e 11 meses), ao chegarem à brinquedoteca olharam para a caixa admirando-a. André pergunta à brinquedista: O que é isso? A brinquedista explica: Esse brinquedo é um túnel do tempo. Nele podemos viajar no tempo e no espaço, podemos ser quem quisermos! André olha novamente para o brinquedo, olha para os colegas e fala: Ai! gente eu sei, isso é a casa do monstro!!! Carolina fala: Eu quero, eu quero entrar na casa do monstro. As três crianças entram e ficam no interior da caixa, simulando que estão assustadas. A brinquedista acompanha o movimento das crianças, rapidamente retira do armário um pacote de morcegos de plástico e convida as crianças para pendurá-los no interior da “casa”. As crianças aceitam o convite entusiasmadas. Logo que terminam de pendurar os morcegos, Carolina fala: Tia, agora só falta o fantasma e o monstro.... A brinquedista responde: Puxa, é mesmo! E agora, como vocês acham que podemos fazê-los? As crianças vão sugerindo, enquanto ela pega alguns materiais como tesoura, caixas, papéis, cola para decorar a, agora, “Casa do Monstro” (Diário de campo)

A confecção de um novo brinquedo pelo adulto-brinquedista revela cuidado e preocupação com a ampliação e oferta de materiais para as crianças brincarem. O espaço do brincar é pensado, planejado. No entanto, o brinquedo previamente concebido pela brinquedista e pela auxiliar, apresenta características que remetem a uma lógica

adultocêntrica. A confecção de um brinquedo como o “túnel do tempo” parece não emergir das necessidades infantis. Transver os limites do tempo e do espaço é algo que as crianças já realizam, sem precisar de um brinquedo específico para isso. Através das expressões “faz de conta que...” ou do “novamente, outra vez...”, as crianças transgridem, ultrapassam os limites do tempo e do espaço. Por meio da imaginação e da repetição a criança “instala um “de novo” que é prenúncio de uma trajetória que não cessa”. (BENJAMIN 2005, p.2)

Conforme colocamos anteriormente, a brinquedoteca, assim como outros espaços coletivos da infância, é concebida pelos adultos para uso das crianças, por isso contém uma visão adulta sobre o que seriam as necessidades e desejos das crianças (LIMA 1989). Portanto, antes de ser um espaço de criança, é um espaço pensado *para* ela. Diante desse fato, questiona-se: Será que, quanto mais o espaço da brinquedoteca for elaborado e pensado pelos adultos, menos possibilidades eles terão de se constituir em um espaço *da* criança? De acordo com Lima (1981):

É preciso, pois, deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação (Lima, 1989, p. 72).

Organizar espaços que promovam a curiosidade, a imaginação, a descoberta é uma forma de reconhecer o direito das crianças de brincar e viver sua infância em plenitude. No entanto, é preciso compreender que esses espaços precisam ser construídos e reconstruídos permanentemente pelos sujeitos que os habitam. Nesse sentido, os espaços da infância precisam considerar os diferentes modos de organização das crianças.

Na pesquisa, a brinquedista ao acompanhar o movimento das crianças e acolher suas manifestações, possibilita que elas também imprimam suas marcas e reorganizem o espaço a elas destinados. Por meio de relações embasadas na troca, no compartilhamento e no respeito, entre as crianças e os adultos, a brinquedoteca deixou de ser apenas um espaço *para as crianças*, quando o espaço foi pensado *com elas*, constituiu-se, em um espaço *das* crianças.

Para que a criança se aproprie da brinquedoteca, transformando esse espaço em um lugar da infância, é necessário que seja permitido a ela deixar suas marcas. Através de desenhos, pinturas nas paredes, fotografias ou reconfiguração de um brinquedo, as crianças comunicam-se, expressam opiniões, ideias e desejos, imprimem suas marcas e participam da organização do espaço.

4.3 Brincadeiras, narrativas... ou sobre o que acontece quando adultos e crianças se encontram

Nas relações, nos encontros e nas brincadeiras efetiva-se a produção de sentidos. Tal processo implica pensarmos crianças e adultos convivendo juntos. Percebeu-se na pesquisa, o quanto a presença do adulto/brinquedista perpassa os espaços do brincar da criança. Na criação de contextos materiais, temporais e sociais, a presença do adulto permite, proíbe, incentiva e sustenta (ou não) as vivências, as significações.

Ao sustentar contextos e participar de suas brincadeiras, os adultos possibilitam o estabelecimento de trocas sociais, a criação de vínculos afetivos, o sentido de pertencimento e, sobretudo, o encontro com as narrativas. Como exemplo, cito a seguinte cena:

Gabriela (4 anos e 10 meses), Nicole (5 anos), Luiza (4 anos), João (4 anos e 6 meses) e Larissa (4 anos e 11 meses) estão sentados em roda brincando de a “galinha quer por”. A brinquedista aproxima-se e Gabriela, ao perceber sua presença, fala: Tia, tu quer brincar com a gente? A brinquedista responde: Oba! Quero sim. Após, brincarem por algum tempo dessa brincadeira, a brinquedista diz conhecer uma outra brincadeira de roda: a “viuvinha”. Fala às crianças: Quando eu era pequena, do tamanho de vocês essa era minha brincadeira preferida. As crianças sorriem, trocam olhares entre si. A brinquedista explica as regras e as convida para brincar. As crianças sorrindo, prontamente, aceitam o convite. A brinquedista começa a cantarolar a cantiga “Viuvinha porque choras? Sentes falta de um carinho se levante e abraça eu. Mas quem sou eu?” A criança que representa a viuvinha fica ao centro da roda. Ao final da cantiga, levanta e abraça um colega. A cantiga e o envolvimento das crianças fez com que outras crianças se interessem pela brincadeira. Aos poucos praticamente todo grupo participa da brincadeira. Ao final da cantiga, ouvia-se um “de novo” a a brincadeira continuava. Após um período repetindo a brincadeira, as crianças, pouco a pouco, vão se dispersando. A brinquedista é chamada na porta e sai para atender uma pessoa que pede informações. Restam na roda apenas Gabriela, Nicole e Luiza. As meninas desejam continuar a brincadeira, mas percebem que o número de participantes é limitado. Logo Gabriela fala: Tive uma ideia, vamos convidar as bonecas para brincar com a gente? Nicole pega uma boneca e Luiza outra. Seguram-nas pelos braços e fazem uma roda intercalando bonecas e meninas. Gabriela fica ao centro da roda representando a viuvinha. Logo, a cantiga inicia e a brincadeira recomeça novamente. (Registro em vídeo)

Ao aceitar o convite de Gabriela para brincar, a brinquedista, supõe a existência de uma criança que é ativa, comunicativa, potente, capaz de iniciar e manter brincadeiras. Após brincar por um longo período da “ galinha quer por” a brinquedista sugere brincar de “viuvinha”. Ela narra a brincadeira e compartilha com as crianças uma outra forma de brincar de roda e relata: *“Quando eu era pequena, essa era minha brincadeira preferida!”*. O repertório de brincadeira da crianças é ampliado. Essa passa a ser um outro tipo de brincadeira bastante partilhada na brinquedoteca. Em alguns momentos, era iniciada pela brinquedista, em outros, como na cena anterior, pelas crianças, que quando não encontram números suficientes de participantes, criam alternativas e diferentes formas de brincar. Adultos e crianças compartilhando signos, sentidos, significados, experiências tecidas entre as lembranças de adultos que brincaram, e ao mesmo tempo, entre novas formas de brincar ressignificadas na relação com crianças.

Para Benjamin (1986), a origem da narrativa é a experiência humana. É sobre ela que

o narrador transforma a sua própria experiência em algo útil para os outros. A brincadeira fazia parte da experiência da brinquedista e era narrada por ela, no cotidiano, para o outro.

Kishimoto(1997) aponta que, atualmente, a falta de espaços públicos que valorizem o encontro entre diferentes gerações impossibilitam a transmissão oral e o encontro com narrativas. Segundo a autora, as narrativas perdem-se, guardadas em gavetas que não foram mais abertas. Aspecto esse, já sinalizado por Benjamin (2005)

"Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual." (BENJAMIN, 2005 p.205)

Para que o passado não se perca, é preciso narrar no sentido benjaminiano, intercambiar experiências. Na organização de tempos e espaços para o estabelecimento de um diálogo com o passado, novos sentidos se constroem e diferentes perspectivas se anunciam...

Sendo a brinquedoteca considerada um espaço de "veiculação da cultura infantil, da integração social e da construção de representações infantis"(KISHIMOTO,1997 p.35), acredito que precisa configurar-se em um espaço significativo, capaz de potencializar encontros, narrativas e produção de sentidos. A criança vive sua infância na materialidade de um espaço, por isso, considera-se fundamental que ele seja rico, diverso em materiais e brinquedos. O espaço é potente. Mas, é o olhar, o toque, o sorriso, as relações, as narrativas que possibilitam as crianças por meio de sua brincadeiras produzirem sentidos e significados aos espaços que a cercam.

5- ... que já vai fechar... Considerações finais para esse tempo de estudo

Frente à importância do brincar para a constituição do sujeito e da falta de espaços públicos promotores de brincadeiras coletivas na sociedade contemporânea, buscou-se olhar para a brinquedoteca, local especificamente organizado para o brincar focar a capacidade de produção simbólica das crianças nesses espaços.

No diálogo com diferentes autores, afirma-se a importância do espaço que potencializa ou limita a brincadeira das crianças. As crianças têm direito a espaços de qualidade para brincar. Ao olhar para as configurações físicas da brinquedoteca, no presente trabalho, percebeu-se que esse espaço, organizado inicialmente pelos adultos, propõe

fisicamente itinerários de brincadeiras. Os objetos concretos que compõem os cantos temáticos, pelo seu poder expressivo, comunicam mensagens, expressam ideias, mas também potencializam múltiplas significações aos usos sociais que as crianças lhe conferem.

Diante do espaço as crianças vão além, da materialidade, transvem. Na utilização dos olhares, nos encontros, nas brincadeiras, na riqueza de narrativas as crianças apropriam-se dos espaços, criam diferentes enredos, produzem outros sentidos e evidenciam, por meio de suas manifestações a sua capacidade de produção simbólica.

No decorrer da pesquisa, observou-se que o contexto material, temporal e relacional da brinquedoteca, permitia a criança observar, manipular, descobrir, encontrar, brincar e estabelecer sentidos.

Os espaços coletivos da infância, precisam considerar os sentidos produzidos pelas crianças e seus diferentes modos de organização. Durante a pesquisa, observou-se que os sentidos compartilhados entre as crianças, foram respeitados e acolhidos pelos adultos, implicando assim, em novas formas de organização e configuração do espaço.

Brincadeiras, narrativas. No contexto pesquisado, por meio de narrativas advindas da memória de adultos que brincaram, crianças e adultos compartilharam sentidos, significados, experiências que foram ressignificadas, emergindo novas possibilidades de brincar.

Compreender a criança como sujeito competente nas relações, capaz de falar de si e dos outros, requer pensar espaços/tempos atentos ao delicado e sutil processo de constituir-se sujeito por meio do brincar.

O melhor da brincadeira foi imaginar, criar, ressignificar. Objetos exerceram diferentes papéis e funções. Embalagens abandonadas, transformaram-se em brinquedos preciosos. Espaços se transmutaram em infinitos cenários. De túnel do tempo à casa monstro. Liberdade e criatividade moldando um brincar que multiplicou possibilidades, enriquecendo o aprender. A brincadeira por hora acabou. Fica o convite para brincar novamente. Quem quer brincar?

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, K. A. **O espaço da creche: que lugar é esse?** 2003. Dissertação (Mestrado)-

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A. **A etnografia na prática escolar**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus. 2000.

BARBOSA, Silvia Néli Falcão. **Nas tramas do cotidiano: adultos e crianças construindo a educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2005.

CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1994. cap. 4, p. 107-130.

FERREIRA, M. M. A gente gosta é de brincar com os outros meninos!: relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e brincadeira uso e significações dentro de contextos culturais. In: SANTA, M. P. S. (Org). **A brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997. p.23-40.

_____. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. In: **Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP**. São Paulo. v.27, n.2, jul. dez. 2001. p.229-265.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura e educação. In: PAIVAA.; EVANGELISTA, A.; PAULINO, G. & VERSIANI, C. (orgs.) **No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 9-34.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2009.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel Livraria, 1981. 102 p.

PETERS, L.L. **Brincar para quê? Escola é lugar de aprender!** estudo de caso de uma brinquedoteca no contexto escolar. 2009. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças, contextos e identidades**. Portugal, Centro de estudos da criança: Editora Bezerra, 1997.

PORTO, Cristina Laclette. Brinquedo e brincadeira na brinquedoteca. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância e produção cultural**. São Paulo: Papyrus, 2005 (171-198).

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

TUAN, Y. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.